

TEXTO I

Antes de iniciar este livro, imaginei construí-lo pela divisão do trabalho.

Dirigi-me a alguns amigos, e quase todos consentiram de boa vontade em contribuir para o desenvolvimento das letras nacionais. Padre Silvestre ficaria com a parte moral e as citações latinas; João Nogueira aceitou a pontuação, a ortografia e a sintaxe; prometi ao Arquimedes a composição tipográfica; para a composição literária convidei Lúcio Gomes de Azevedo Gondim, redator e diretor do **Cruzeiro**. Eu traçaria o plano, introduziria na história rudimentos de agricultura e pecuária, faria as despesas e poria o meu nome na capa. (...)

Mas o otimismo levou água na fervura, compreendi que não nos entendíamos.

João Nogueira queria o romance em língua de Camões, com períodos formados de trás para diante. Calculem.

Padre Silvestre recebeu-me friamente. Depois da revolução de outubro, tornou-se uma fera, exige devassas rigorosas e castigos para os que não usaram lenços vermelhos. Torceu-me a cara. (...)

Afastei-o da combinação e concentrei as minhas esperanças em Lúcio Gomes de Azevedo Gondim, periodista de boa índole e que escreve o que lhe mandam.

Trabalhamos alguns dias. (...)

A princípio tudo correu bem, não houve entre nós nenhuma divergência. A conversa era longa, mas cada um prestava atenção às próprias palavras, sem ligar importância ao que o outro dizia. Eu por mim, entusiasmado com o assunto, esquecia constantemente a natureza de Gondim e chegava a considerá-lo uma espécie de folha de papel destinada a receber as idéias confusas que me fervilhavam na cabeça.

O resultado foi um desastre. Quinze dias depois do nosso primeiro encontro, o redator do **Cruzeiro** apresentou-me dois capítulos datilografados, tão cheios de besteiras que me zanguei:

-Vá para o inferno, Gondim. Você acanalhou o troço. Está pernóstico, está safado, está idiota. Há lá ninguém que fale dessa forma!

Azevedo Gondim apagou o sorriso, engoliu em seco, apanhou os cacos da sua pequenina vaidade e replicou amuado que um artista não pode escrever como fala.

-Não pode? perguntei com assombro. E por quê?

Azevedo Gondim respondeu que não pode porque não pode.

- Foi assim que sempre se fez. A literatura é a literatura, Seu Paulo. A gente discute, briga, trata de negócios naturalmente, mas arranjar palavras com tinta é outra coisa. Se eu fosse escrever como falo, ninguém me lia.

(RAMOS, Graciliano. São Bernardo. São Paulo: Martins, 1969.)

Questão 01

Azevedo Gondim e o narrador possuem concepções diferentes acerca da escrita literária.

- A) Apresente, resumidamente, as duas concepções, comprovando-as com uma frase de cada personagem sobre o assunto.
- B) Na fala do narrador sobre a composição do livro, estão claras algumas relações de dominação que caracterizam a sociedade brasileira.

Identifique, no segundo parágrafo, duas referências que expressem essa dominação.

TEXTOS II

LEITURA E ESCRITA COMO EXPERIÊNCIA – O AVESSO

Quando penso na leitura como experiência (na escola, na sala de aula ou fora delas), refiro-me a momentos em que fazemos comentários sobre livros ou revistas que lemos, trocando, negando, elogiando ou criticando, contando mesmo. Enfim, situações em que – tal como uma viagem, uma aventura – fale-se de livros e de histórias, contos, poemas ou personagens, compartilhando
05 sentimentos e reflexões, plantando no ouvinte a coisa narrada, criando um solo comum de interlocutores, uma comunidade, uma coletividade. O que faz da leitura uma experiência é entrar nessa corrente em que a leitura é partilhada e, tanto quem lê, quanto quem propiciou a leitura ao escrever, aprendem, crescem, são desafiados.

Defendo a leitura da literatura, da poesia, de textos que têm dimensão artística, não por erudição.
10 Não é o acúmulo de informação sobre clássicos, sobre gêneros ou sobre estilos, escolas ou correntes literárias que torna a leitura uma experiência, mas sim o modo de realização dessa leitura: se é capaz de engendrar uma reflexão para além do seu momento em que acontece; se é capaz de ajudar a compreender a história vivida antes e sistematizada ou contada nos livros.

(KRAMER, Sônia. In: ZACCUR, Edwiges (org.). A magia da linguagem. Rio de Janeiro: DP&A: SEPE, 1999.)

Questão 02

Compare os textos I e II.

A) Embora, em ambos os textos, haja uma primeira pessoa que se manifesta, eles diferenciam-se claramente pelo fato de o primeiro ser narrativo e o segundo, argumentativo.

Apresente um aspecto do texto I que se relacione à sua composição narrativa e um do texto II que demonstre seu teor argumentativo.

B) compreendi que não nos entendíamos. (texto I, *l.* 8)

situações em que – tal como uma viagem, uma aventura – fale-se de livros e de histórias, (texto II, *l.* 3 e 4)

O vocábulo que possui funções distintas na estruturação dos trechos acima.

Explique essa diferenciação.

Questão 03

Defendo a leitura da literatura, da poesia, de textos que têm dimensão artística, não por erudição.
(texto II, *l.* 9)

A) Embora o trecho sublinhado não se inicie por conectivo, seria possível acrescentar-lhe conjunção, preservando a relação de sentido com o conjunto da frase.

Aponte duas conjunções diferentes que, no mesmo contexto, poderiam introduzir o trecho em destaque. Indique também o tipo de relação de sentido que estas conjunções estabelecem na frase.

B) De acordo com a argumentação desenvolvida pela autora, justifique a presença da forma negativa no trecho sublinhado.

TEXTO III**SÓ NÃO PREVIU QUEM PLANEJOU**

Ninguém fala em outra coisa: o Brasil do século XXI não sabe ler ou não entende o que mal lê. Todos estão pasmos. Menos os professores, posso afirmar. Eles, que nos últimos 30 anos de mudanças na área educacional lastimavelmente não foram chamados a dar o seu testemunho, nem lhes ouviram as dúvidas e as certezas. Quem está na frente de batalha, teria dito: isso não vai dar certo...

(...)

A moda do momento é a “inclusão” de alunos com necessidades especiais. Ótimo. Politicamente corretíssimo. Mas a verdadeira inclusão tem que começar pela melhora da qualidade do ensino de toda a população.

Temos que deter o processo atual, no qual o aluno termina o ensino fundamental – quando termina – quase tal qual estava quando entrou. Essa é a verdadeira exclusão: de posse do seu diploma, mas com precária aprendizagem, o jovem, especialmente o de classe social menos favorecida, que tanto precisa de trabalho, é ejetado do mercado de trabalho sem dó nem piedade. Afinal, até concurso para gari exige que se saiba ler e escrever direito!

Ouçamos quem executa. Eles nos dirão como evitar as tempestades do desencanto...

TANIA ZAGURY
(O Globo, 29/07/2003)

Questão 04

O texto utiliza, em sua estratégia argumentativa, recursos diferenciados de composição para tratar de um problema e sugerir possíveis soluções.

- A) Explique de que maneira combinam-se, na coerência interna do texto, os parágrafos de abertura e de conclusão.
- B) A polifonia é um recurso de construção pelo qual diferentes “vozes” ou pontos de vista podem ser depreendidos da leitura de um texto.

No texto III, há momentos em que aparecem claramente outras “vozes” ou posicionamentos percebidos pelo leitor por meio de sinais de pontuação.

Retire do texto dois momentos em que ocorrem essas falas e aponte a quem elas podem ser atribuídas.

TEXTO IV

VERSOS ESCRITOS NÁGUA

Os poucos versos que aí vão,
Em lugar de outros é que os ponho.
Tu que me lêes, deixo ao teu sonho
Imaginar como serão.

Neles porás tua tristeza
Ou bem teu júbilo, e, talvez,
Lhes acharás, tu que me lêes,
Alguma sombra de beleza...

Quem os ouviu não os amou.
Meus pobres versos comovidos!
Por isso fiquem esquecidos
Onde o mau vento os atirou.

(BANDEIRA, Manuel. Poesia completa e prosa. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1993.)

Questão 05

- A) No poema, as etapas do processo de composição do texto são marcadas pelos tempos verbais – passado, presente e futuro.
Identifique essas etapas, relacionando-as aos tempos verbais empregados.
- B) O eu poético sugere que o ato de composição do texto há de envolver, também, a participação do leitor.
Aponte dois recursos de construção da linguagem que expressem essa sugestão do eu poético.

TEXTOS V

PROMOÇÃO X MITIFICAÇÃO DA LEITURA

Este é o quadro: crendo que a questão da leitura é um problema pessoal, de gosto e interesse, que pode ser resolvido através do estímulo e do proselitismo*, constrói-se um movimento em que, na tentativa de interferir no comportamento dos sujeitos, de modo a fazê-los leitores, se combinam sedução e persuasão intelectual, através da vinculação da leitura ora a um valor maior (leitura de ilustração; leitura redentora) ora a um apelo emocional (leitura hedonista; leitura de entretenimento), e da criação de estratégias e ambientes favorecedores de “práticas leitoras” (sensibilização, ambiência, atração, contação de história, dramatização, etc.).

A promoção da leitura, vista desde uma perspectiva não-ingênua, é um problema político e não apostólico. O leitor não é um sujeito desarraigado de sua condição de classe, que encontra na leitura uma forma de redenção individual. O que está em questão é o direito do cidadão de ter acesso (material e intelectual) à informação escrita e à cultura letrada e não um comportamento de avaliação subjetiva. Ninguém fica necessariamente bom porque lê, nem faz sentido apelos morais para que as pessoas leiam. (...)

Do mesmo modo que, no que diz respeito à saúde, cabe ao Estado garantir uma rede de atenção integral ao cidadão (hospitais, médicos, medicamentos) e garantir o investimento em pesquisa e produção, compete ao Estado garantir o *direito à leitura*, através da instalação de bibliotecas, salas de leitura e aparelhamento das escolas; da formação e remuneração apropriada aos profissionais ligados à leitura (bibliotecários, professores); e do estímulo à produção intelectual cultural e científica. (...)

Se queremos promover a leitura efetivamente, como bem público, como marca de cidadania, temos de abandonar visões ingênuas de leitura e investir no conhecimento objetivo das práticas de leitura e num movimento pelo direito de poder ler. O excluído de fato da leitura não é o sujeito que sabe ler e que não gosta de romance, mas o mesmo sujeito que, no Brasil de hoje, não tem terra, não tem emprego, não tem habitação.

A questão da leitura na sociedade contemporânea é uma questão político-social e não de gosto ou prazer!

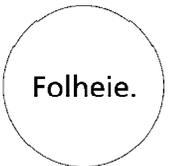
(BRITTO, L. L. e BARZOTTO, V. H. Em Dia: Leitura & Crítica. Campinas: Associação de Leitura do Brasil, agosto de 1998.)

* atividade ou esforço de converter ou persuadir alguém

TEXTOS VI



Imagine.



Folheie.



Delicie-se.



Ler é só
prazer.

Criada com o propósito de publicar unicamente livros para crianças e jovens, desde o início nossa meta foi estabelecer uma linha editorial cujos títulos falassem de perto à emoção do leitor, despertassem o prazer da leitura e ajudassem a refletir.

Hoje temos orgulho de apresentar um catálogo totalmente dedicado à formação de pessoas melhores. Pessoas que possam crescer mais conscientes, mais capazes, mais felizes.

Nosso catálogo tem de tudo: ficção, humor, conto de fadas, ecologia, arte, ética, suspense, poesia, história.

(Adaptado de catálogo de divulgação da editora Salamandra, 1º semestre de 2003.)

REDAÇÃO

Os textos V e VI, assim como todos os outros desta prova, apresentam visões diferenciadas sobre a leitura.

Leia e analise a afirmativa contida no quadro abaixo:

Na tentativa de formar um público leitor no Brasil, deve-se incentivar a leitura como fonte de prazer e emoção.

Redija um texto argumentativo em que apresente com clareza sua opinião a respeito do tema contido na afirmativa.

Para o cumprimento desta tarefa, seu texto – de no mínimo 15 e no máximo 30 linhas – deve:

- possuir estrutura argumentativa;
- apresentar elaboração própria;
- estruturar-se de maneira completa e coerente;
- ser redigido em língua culta padrão.